REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 61
SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 61
AÇÃO E FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA O EDUCAR E O FAZER EM ARTE



AÇÕES DO MUSEU DA INFÂNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO *ONLINE* COM CRIANÇAS DO COLÉGIO UNESC

ACTIONS OF THE MUSEUM OF CHILDHOOD IN TIMES OF PANDEMIC: AN ONLINE MEDIATION EXPERIENCE WITH CHILDREN FROM COLÉGIO UNESC

Amalhene Baesso Reddig
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma/SC, Brasil

Ana Maria Cambruzzi
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma/SC, Brasil

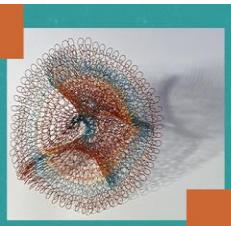
Camila Villasuso
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma/SC, Brasil

Bárbara Sonai Mendes
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Criciúma/SC, Brasil

Resumo: A escrita reflete sobre ações educativas desenvolvidas pelo Museu da Infância – MI (Criciúma-SC) em tempos da pandemia da COVID-19. Pensar as possibilidades de fazer chegar aos lares e escolas materiais desenvolvidos para o ambiente *online* que pudessem contribuir com a formação educacional de estudantes foi o ponto focal. Compreendendo que estar em isolamento social é diferente de ficar isolado, foram elaborados vídeos, jogos e uma mediação *online*. O artigo caracteriza o processo da pandemia e descreve momentos vividos pela equipe do MI para a elaboração de vídeos e relata a concepção de brincadeiras com interação *online*. Ao final, expõe a experiência de mediação *online* com crianças do 2.º ano do Ensino Fundamental, na faixa etária de seis anos de idade, a partir de dispositivos de tecnologia digital em rede. No todo, o corpo da escrita tece uma compreensão sobre o processo de execução das ações museais, permeadas pelo episódio da pandemia, fundamentada em autores como Barros (2022), Dunker (2020), Marti (2021), Peixoto (2020), Salgado (2016), Souza, Tamini e Santos (2020) e Torrezan (2020).

Palavras-chave: Ensino. Infância. Mediação. Museu. Tecnologia.

Abstract: The article reflects on educational actions developed by the Museu da Infância – MI (Criciúma-SC) during the COVID-19 pandemic. The focal point was to think about the possibilities of delivering materials developed for the online environment to homes and schools that could contribute to the educational development of students. Understanding that being in social isolation is different from being isolated, videos, games, and online mediation were created. The article characterizes the pandemic process and describes moments experienced by the MI team for the creation of videos and reports the conception of games with online interaction. At the end, it presents the experience of online



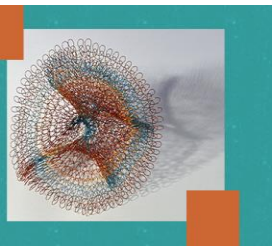
mediation with children in the 2nd year of Elementary School, aged six years old, using networked digital technology devices. Overall, the body of writing weaves an understanding of the process of executing museum actions, permeated by the pandemic episode, based on authors such as Barros (2022), Dunker (2020), Marti (2021), Peixoto (2020), Salgado (2016), Souza, Tamini and Santos (2020) and Torrezan (2020).

Keywords: Teaching. Childhood. Mediation. Museum. Technology.

Estávamos no outono e adentramos no inverno e na primavera de 2020 experienciando um momento inimaginável. A pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2) assolava a humanidade com a triste doença inflamatória denominada de COVID-19. Esse contexto forçou o isolamento social para tentar prevenir a disseminação do contágio viral e obrigou mudanças nas diferentes instâncias sociais e econômicas, bem como nos espaços de cultura e educação. Nesse período, em Criciúma-SC e inúmeras outras cidades do mundo, dado o fechamento das instituições de ensino, aulas passaram a ser mediadas com o auxílio de tecnologias digitais em rede (TDR).

O Museu da Infância – MI, museu universitário inaugurado em 2005, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, em Criciúma-SC, tem como um dos objetivos planejar atividades para interagir com crianças em seu processo educativo. A chegada da pandemia compeliu a todos que podiam a “ficarem em casa” e a equipe do MI aproveitou a oportunidade para readequar suas atividades. Esta começou planejando e desenvolvendo pequenos vídeos e jogos e realizando uma mediação *online* via plataforma *Google Meet*.

Este relato traz uma caracterização do processo inicial da pandemia, destacando o significado de isolamento social e uma acepção das tecnologias educacionais, descreve o processo vivido pela equipe do MI para a elaboração de vídeos sobre brincadeiras e a concepção de outras propostas *online*. Na sequência, narra a experiência da mediação *online* com crianças do 2.º ano do Colégio UNESC.



Por fim, encaminha-se uma reflexão sobre o processo de execução das ações museais em tempos de pandemia ocasionada pela COVID-19.

Equilibrar-se no isolamento social

Restringir-se do convívio de pessoas, locais e coisas com as quais anteriormente se estava habituado exige uma rearrumação do eu. De casa olha-se pelas janelas, para os objetos, brinquedos e abrem-se telas – da televisão, do celular e do computador. Nelas, vê-se as notícias da pandemia, do que ela está provocando, das mortes em larga escala desde locais próximos até os mais distantes. Ver as notas de mortes gera um contexto de amedrontamento.

Ao mesmo tempo, existe a esperança, que surge ao se saber que diversas pessoas foram curadas e que as pesquisas científicas começam a divulgar os avanços das vacinas que podem conter a disseminação do Coronavírus. A esperança no ser humano consciencioso colocou a equipe do MI em movimento. Nesse momento, nos apoiamos no pensamento de Stephanie Borges (2020, p. 98): “Se queremos nos manter do lado da vida contra tanto desejo de morte, já não se trata apenas de saber quem são os mortos-vivos. Precisamos, também, pensar seriamente no tipo de futuro que queremos criar depois de passarmos por tudo isso”.

Na contemporaneidade tornou-se frequente o uso das tecnologias educacionais visando à formação cidadã dos estudantes. Portanto, desde antes da pandemia, os segmentos sociais e a escola, de uma maneira geral, vinham utilizando dispositivos de tecnologia digital em rede como recursos didáticos em sala de aula. Souza, Tamini e Santos (2020, p. 9) comentam:

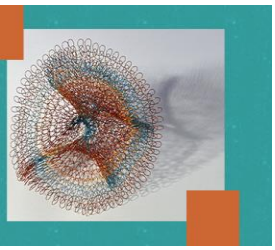
> Ao se abordar as transformações sociais do século XXI, salta à vista de imediato a forte presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação em todos os âmbitos da atividade humana, atuando, simultaneamente, como produtos e produtoras de novas maneiras de comunicar, informar, sentir, aprender, ensinar, pensar, trabalhar e se relacionar, gerando, dessa forma, mudanças culturais na sociedade, ao alterar as práticas relacionais no mundo contemporâneo.



Novos artefatos tecnológicos colocam-se em curso também no campo da educação museal, produtos de um fluxo cultural que se difunde em todas as instâncias da vida humana. Em pesquisa de tese realizada, em parte, durante a pandemia, Marti (2021) formulou o conceito e a abordagem didático-pedagógica da Educação Museal *Online* (EMO), a qual pressupõe "a compreensão dos museus e de suas redes sociais digitais, ou outras presentificações *online*, como *redes educativas* e espaços multirreferenciais de aprendizagem" (p. 277, grifo nosso). Tendo o diálogo como centro das ações, a EMO propõe "a criação e a socialização de conhecimentos, aprendizagens, sentimentos, emoções, inquietações, invenções em interatividade e em um ambiente em que múltiplas relações (intelectuais, cognitivas, psicossociais, culturais, históricas, etc.) são tecidas em horizontalidade. (p. 277). A experiência aqui relatada ocorreu concomitantemente à investigação da autora, de modo que não tomamos conhecimento de seus resultados antes da execução de nossas atividades. Contudo, assim como ela, assumimos como metodologia uma postura:

> 'práticateoria', um 'fazerpensar', que vai se revelando e sendo forjado com os acontecimentos e a partir das conversas que vamos estabelecendo com as criações cotidianas dos visitantes do museu, com as práticas educativas com os seguidores das redes [...] e com outros pesquisadores/autores (bases teórico-metodológicas) [...]. (MARTI, 2021, p. 233).

A pesquisadora também pontuou que as demissões de educadores de museus durante a pandemia revelaram como "a prática e o pensamento hegemônico [...] concebem, situam e priorizam o trabalho do educador museal às ações voltadas ao espaço geograficamente localizado de suas instituições ('o chão dos museus'), não associando a sua atuação ao contexto cibercultural" (MARTI, 2021, p. 279). Vivendo esse ambiente, a equipe do MI começou a pensar e a produzir materiais e conteúdos educativos com a finalidade de continuar interagindo, de modo *online*, com crianças, possíveis visitantes na convocatória do "fique em casa", assim como com outros



públicos, produzindo, em um movimento de "*práticateoria*", uma ampliação do campo de atuação das mediadoras da instituição.

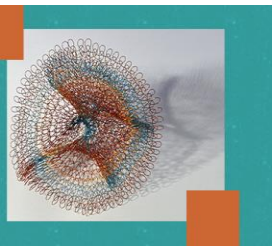
O começo brincante De acordo com Barros (2022, p. 204), o objetivo de redes como o *Instagram* e o *Facebook*[1] "é interligar pessoas e diferentes tipos de instituições, a partir da troca de ideias e conteúdos". Assim pautadas, investimos no potencial de rede de relacionamentos dessas plataformas para ensinar às crianças brincadeiras com temáticas relacionadas ao acervo do museu.

De início, foram elaborados vídeos educativos. Em um deles, uma das mediadoras, Bárbara Sonai Mendes, filmou a si própria e sua mãe jogando "Amarelinha": elas mostraram como desenhar com giz de quadro-negro o traçado no chão, expuseram ao vivo como se brinca e referiram-se às regras, incluindo os acertos e o que se deve evitar para ganhar no jogo. Outra mediadora, Camila Villasuso, fez um vídeo sobre o jogo das "Cinco Marias": ela e uma vizinha ensinaram a fazer passo a passo o brinquedo e depois mostraram como brincar. Nessa perspectiva, as mediadoras foram se revezando entre uma atividade e outra.

Em um segundo momento, Bárbara conversou com a equipe para pensarem e elaborarem outros jogos, a serem brincados na tela. Entre eles foi editado o "Jogo das Sete Diferenças" (mais conhecido como "Jogo dos Sete Erros"). Indo ao encontro da temática Inclusão Social, adotada na 18.ª Semana Nacional de Museus de 2020, a mediadora criou a atividade a partir de uma boneca negra chamada "Doutora Brinquedos". Para essa brincadeira, desenhou com ferramentas de ilustração digital a mencionada personagem do acervo do MI.

A mediadora Camila planejou outra brincadeira: elaborou uma imagem de labirinto no ambiente virtual no qual, na margem esquerda, no alto, foi colocada a

[1] As redes sociais do MI encontram-se nos seguintes endereços: Instagram – @museudainfanciaunesc e Facebook – Museu da Infância.



fotografia de uma boneca negra, sugerindo que ela encontrasse o desenho de uma chupeta, localizado na margem inferior, à direita. Para organizar essa atividade, a mediadora buscou no acervo virtual do MI a fotografia de uma boneca de plástico negra, portando um vestido rosa de crochê, objeto inventariado com o título de "A boneca negra com vestidinho rosa".

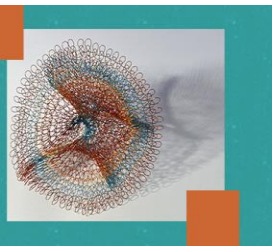
A equipe também desenvolveu uma atividade com ilustrações de capas dos filmes infantis pertencentes ao acervo, na qual os observadores precisavam adivinhar o título dos filmes. Foram escolhidas e fotografadas dez capas de DVDs e elaborada uma ilustração digital com as personagens mais conhecidas pelas crianças que costumam entrar nas redes do MI. O objetivo era que os pequenos se divertissem tentando identificar títulos das películas.

Uma terceira atividade educativa foi elaborada a partir do pedido da professora Juliana Pereira Guimarães, docente de Arte do Colégio UNESC, que frequentemente acompanha as atividades educativas do MI. Ela sugeriu a mediação *online* de atividades com uma de suas turmas. A classe escolhida pela professora foi o 2.º ano do Ensino Fundamental, composta por dezoito estudantes com faixa etária de seis anos de idade. Assim, ciente da situação de que as crianças também estavam em convívio restrito, a equipe perguntou-se: é possível realizar mediações *online* em tempos de isolamento social?

Mediação *online* com crianças

A internet é produto e produtora de cultura educacional, tanto para o melhor, como, também, muitas vezes se distanciando dos objetivos emancipatórios de formação humana. Pesquisadores alertam que:

> [...] as tecnologias, enquanto produtos e produtoras da cultura, não podem ser dela dissociadas. Isso requer que os inúmeros conteúdos, atitudes, sentimentos, ideias e informações que circulam no ambiente virtual sejam analisados sob uma perspectiva crítica, tendo em vista que não espelham o



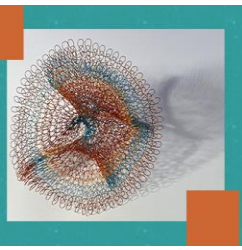
> real, mas são recortes interpretativos, subjetiva, cultural e historicamente construídos. (SOUZA *et al.*, 2020, p. 5).

A par das imbricadas críticas a respeito das tecnologias digitais em rede, as quais poderiam facilitar a interação com crianças no momento restritivo de COVID-19, mas, também, dificultar a comunicação com e entre crianças, obstruindo a desenvoltura de suas potencialidades, o MI tentou situar-se nesse contexto emergente. Entre o planejar atividades que sugerem jogos, brincadeiras e exercícios com atividades artísticas, a equipe pôs-se a pensar na possibilidade de interagir em uma mediação por meio do *Google Meet*.

O *Google Meet* é um serviço para comunicação a distância por áudio e vídeo criado pelo Google, com "serviço gratuito para unidades de ensino e organizações sem fins lucrativos e para qualquer outro usuário que tenha uma conta Gmail" (MARCONDES; FERRETE; LIMA, 2021, p. 60). Trata-se de uma entre outras plataformas que foram utilizadas durante a pandemia para a realização de atividades remotas síncronas, sendo outros exemplos o *Microsoft Teams*, *Zoom* e *Jitsi Meet*.

O *Google Meet* integra um ambiente digital mais amplo chamado Google *Workspace for Education*, cujas ferramentas foram bastante utilizadas por escolas no período da pandemia, entre outras razões, pela familiaridade dos profissionais da educação com seu *layout*, conforme discutem Teixeira e Nascimento (2021), Gonçalves (2021) e Marcondes, Ferrete e Lima (2021). Entre seus recursos, está a possibilidade de reunir até cem pessoas na mesma chamada, os participantes compartilharem reações por meio de *emojis*, levantarem a mão para pedir a palavra e a disponibilidade de uma lousa digital que pode ser usada pelo professor e visualizada por todos.

Ponderando sobre as virtudes e deficiências da plataforma, Teixeira e Nascimento (2021, p. 56) afirmam que o *Google Meet* é uma ferramenta "que pode ser altamente interativa e auxiliar e dinamizar a aula do professor", porque fornece recursos para a promoção de "atividades colaborativas, possibilitando a



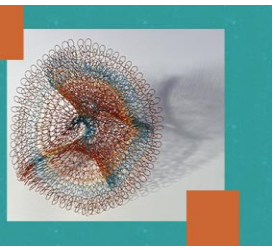
interação com *quiz* e gamificações, facilitando a associação com diversas outras ferramentas que ajudam a organizar a sala de aula e tornar a aula mais dinâmica", desde que utilizada a partir de um bom planejamento.

Cientes de que o *Google Meet* seria o espaço para o encontro com as crianças, as mediadoras, acompanhadas da gestora do MI, puseram-se a refletir para compreender como realizar a mediação *online* com estudantes do Ensino Fundamental. A fim de conduzir a conversação, Camila elaborou *slides* como recurso para auxiliar na interação com as crianças no *Power Point*, programa usado para criar, editar e exibir apresentações cujo objetivo seja compartilhar informações sobre um determinado tema. O *software* permite o uso de imagens, sons, textos e vídeos. Foram utilizadas nessa apresentação uma série de imagens, entre elas algumas representativas de quatro núcleos do museu: 1/4 – "O Brinquedo e a Rua"; 2/4 – "Infância e Paz"; 3/4 – "Infância na Arte" (com exposições distribuídas em espaços abertos da UNESC); e 4/4 – "Escritório e Acervo" (localizado em uma sala).

Marcado o dia e o horário, a equipe se colocou a postos. A experiência de abrir a tela do computador e inserir o *link* que conduziria à mediação com as crianças colocou os corações das mediadoras em expectativa. Todas estavam em espera, um pouco ansiosas, pois interiormente perguntavam-se: ocorreria uma boa interação entre mediadoras e crianças?

No período vespertino de 10 de junho de 2020, aos poucos via-se a tela carregar, mostrando a professora Juliana e sua assessora Marina[2], do Colégio UNESC, abrindo a sala virtual, cada qual tomando o posto de suas funções para facilitar a mediação *online*. As crianças, com suas singularidades, nos espaços de

[2] O MI agradece sobremaneira a colaboração da professora Juliana Pereira Guimarães, assim como de sua assessora Marina Barbosa Alano, em permitir que a mediação fosse gravada e posteriormente fossem utilizados os dados para a construção deste relato.



estudo de seus lares, iam entrando aos poucos. As mediadoras do MI, a partir de suas casas, se apresentaram para a conversação[3]:

> **Professora Juliana:** Entrou a Carla, o Valentim... Boa tarde, José!
> **José:** Boa tarde!
> **Professora Juliana:** Que desenho é esse, Danilo?
> **Valentim:** Ô, profê, o Museu da Infância está aqui!
> **Professora Juliana:** Sim, o MI está aqui.
> **Mediadora Bárbara** (*ao ver que Danilo estava mostrando um desenho feito a lápis de cor preta em uma folha de papel branco*): É um castelo?
> **Professora Juliana:** A Isadora chegou!
> **Danilo:** Não... É um desenho que eu fiz: um avião e um robô gigante.
> **Mediadora Bárbara** (*ouve-se e se "vê" a graça da mediadora que fez a pergunta com o seu riso*): Hehehe
> **Professora Juliana:** Cadê a Irene? Boa tarde, Maria Eduarda! Boa Tarde, Camila! (*para a entrada de outra mediadora do MI*) A Irene Fernandes não entrou, não é?
> **Estelita** (*cumprimenta a colega de aula*): Oi, Maria Eduarda!
> **Assessora Marina:** Não vi, profê!
> **Professora Juliana:** Entrou, mas saiu! Vou olhar no celular, pois, às vezes, enviam mensagem de que não conseguem entrar. Oi, Irene Fernandes, boa tarde! Fernando entrou!
> **Mediadora Bárbara** (*dirigindo-se a alguém da equipe do MI*): Está fazendo ruído no seu celular!
> **Professora Juliana** (*dirigindo-se à assessora*): O Evandro não precisa de autorização para entrar, não é?

As falas da turma se mesclam e se interpõem. A professora dá a direção: "Acho que a gente vai começando e os outros vão entrando". Vemos assim o início da

[3] Os diálogos ocorreram por meio da mediação *online* no *Google Meet*. A mediação foi gravada e posteriormente transcrita pelas mediadoras. Estas também utilizaram bloco de notas para registrar ocorrências que chamaram a atenção no decorrer da interlocução com as crianças. A fim de preservar a identidade das crianças, os nomes verdadeiros dos alunos foram substituídos por nomes ficcionais.

dinâmica do processo para a mediação *online*. Percebeu-se que as crianças, de suas casas, na espontaneidade e na alegria de fazer parte da aula de Arte, iam entrando e dirigindo-se à professora com os seus interesses particulares.

Apreende-se, nesse sentido, a atenção e o olhar da professora para receber e agregar a todos na gerência da mediação. E vem a pergunta: que experiência está obtendo a professora Juliana ao ter que, de um momento para o outro, ministrar aulas de Arte para crianças pela internet? Psicologicamente, o que lhe custa manter a atenção em todas as crianças da turma que aparecem na tela do dispositivo da casa delas? O que significa ministrar aulas para as crianças tendo os pais por perto?

Responder a essas perguntas demanda pesquisa. No entanto, há estudos sendo realizados e, ainda que não estejam concluídos, pois se juntam a outros relacionados à saúde dos professores em tempo de "normalidade", inclinam-se a concordar com Peixoto (2020b, p. 6): "[...] parece que o sofrimento tende a ser muito profundo, tanto por se tratar de uma profissão enxergada geralmente como uma missão, como também porque há todo esse esforço de um trabalho quase invisível realizado antes e depois da jornada formal [...]".

Ainda que se reconheça que a profissão dos professores mantenha resquícios da carga cultural vinda dos tempos do Brasil Colônia, da educação como uma atividade missionária, ou seja, um trabalho abnegado de dedicação ao ato de ensinar pessoas a se escolarizarem, não importando a devida retribuição em termos financeiros, pressupõe-se uma demanda de mais trabalho para os professores durante a pandemia, mesmo que atualmente a remuneração salarial seja diferente dos tempos coloniais brasileiros.

Devido à necessidade de organizar aulas remotas, ainda que o planejamento para tal atividade tenha sido compartilhado com o MI, imagina-se o quanto foi exigido do tempo extracurricular por parte da docente envolvida no projeto. Para tal afirmação, nos pautamos no estudo de Peixoto, que escreve:

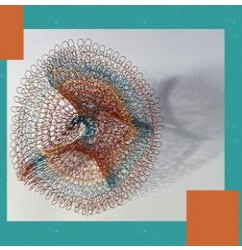
> Do modo abrupto como a pandemia de COVID-19 chegou e se impôs, diversas atividades de trabalho tiveram de ser transferidas para casa de uma hora para outra, sem o devido preparo [...]. [E]ssa transição abrupta devido à pandemia não se deu nas melhores condições, até mesmo porque além da falta de tempo e de condições para o devido preparo, junto com a mudança veio toda a tensão causada pelo próprio medo do contágio. (PEIXOTO, 2020a, p. 2).

Deduz-se, assim, que o trabalho de preparação das aulas foi acentuado ao ser aliado à docência *home office*. Não se trata apenas de planejar as atividades a serem desenvolvidas na sala de aula, mas de dar aula a partir da própria casa, ainda que para isso se tenha recebido suporte da escola. “Os tempos de sala de aula e de trabalho em casa foram repentinamente conjugados e os ônus de seus operacionalização atribuídos ao professor. Tendo ou não os recursos necessários, o comando estava claro: dê aula à distância.” (PEIXOTO, 2020a, p. 4).

Reconhecendo-se no diálogo com o outro

A professora Juliana, em meio às respostas para as crianças que queriam contar coisas e conversar, deu a palavra à gestora do MI, Amalhene Baesso Redig. Esta cumprimentou a todos dando, principalmente, as boas-vindas para as crianças. Falou de sua alegria em trabalhar nesse espaço, pois há brinquedos e brincadeiras que lhe remetem à própria infância.

Na sequência, a mediadora Bárbara se apresentou às crianças e passou a palavra à mediadora Camila, que iniciou dizendo ser estudante intercambista vinda da Argentina. Declarou que esperava que as crianças a entendessem, mesmo com o seu sotaque. Iniciou ajeitando os *slides* na tela. De pronto, Valentim se manifestou: “Oi, profê! Eu vou entender porque só assisto jogo de tênis argentino [...], vou conseguir entender”. A conversa passou a girar em torno do entendimento da língua espanhola e Gabriel se exprimiu: “Eu também falo um pouquinho de espanhol”. Outra criança contou que os tios estavam na Itália. E assim um diálogo amigável se estabeleceu



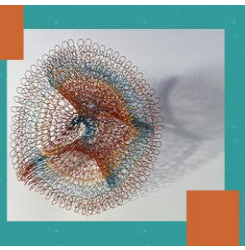
entre crianças, mediadoras e professora sobre a comunicação possibilitada por diferentes línguas.

Na sequência, apareceu na tela uma imagem mostrando a página de abertura do *site* antigo do MI, uma representação colorida e adaptada a partir da pintura “O Beijo”, de Gustav Klimt, junto com recortes de desenhos de crianças. Ao lado dessa ilustração, há um arabesco acima do nome MI, logomarca que o identifica desde a sua fundação.

A palavra foi passada para a outra mediadora e os *slides* avançaram mostrando como o MI é organizado. Ao serem mostradas imagens de brinquedos, as crianças foram convidadas a expor suas ideias oralmente a respeito de peças que já conheciam (pois algumas delas, em anos anteriores, já haviam visitado o museu). Veio à tona a palavra “acervo”. Com a ajuda da professora, uma elucidação foi feita: coleções de objetos que o MI foi ganhando e comprando.

Seguindo o desenrolar dos *slides*, apresentou-se o mapa da localização do Núcleo 1/4 – “O Brinquedo e a Rua”, que está no *hall* do Bloco da Reitoria da UNESC. No diálogo entre professora e crianças, esse espaço do MI foi lembrado por ficar perto da Biblioteca Central. Uma criança manifestou-se: “Eu lembro quando fui caçar o tesouro de moedas de chocolate”; outra criança: “Eu lembro que lá tem bola [em exposição]”; uma terceira diz: “Eu lembro das bonequinhas de argila”, referindo-se a peças de uma coleção de miniaturas que remetem a brincadeiras de crianças, baseadas nos originais de Franklin Cascaes, artista florianopolitano.

Ao se acompanhar a conversação entre mediadoras e crianças, infere-se que nessa mediação, ainda que realizada *online*, ocorreu, segundo proposição de Salgado (2016b, p. 75), uma “[...] visita dialógica, na qual todas as pessoas que compartilham o percurso da visita [...] entende[m]-se como iguais e sente[m]-se convidadas a falar”. Ou seja, a equipe da mediação do MI, em sua atividade, juntamente com as crianças, posicionaram-se em situação de aprendizagem, obtendo:



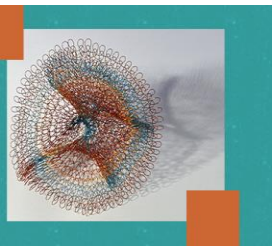
> [...] experiência como aprendizes que, em comunidade: descobrem, explicam e analisam cada experiência a partir das condições espaciais, temporais e históricas que sejam convocadas no momento educativo. Suas ações implícitas ou explícitas negam qualquer postura neutra e imparcial no fundamental reconhecimento dialógico com o outro. (CEVALLOS, MACAROFF, 2015, p. 212 apud SALGADO, 2016b, pp. 75-76).

Com o avançar dos *slides*, apareceram imagens fotográficas de crianças brincando no Núcleo 1/4 e o diálogo com a turma continuou: entrar na barraca em exposição, brincar de perna-de-pau, saltar no jogo da "Amarelinha" traçado no chão, experimentar a brincadeira com pés-de-lata. A experiência de brincar de barraca rendeu conversação. Várias crianças têm essa vivência com suas famílias e a professora completou: "Até eu brinquei de barraca!".

Na sequência, surgiu o mapa da localização do Núcleo "Infância e Paz". O espaço 2/4, localizado no Bloco XXI C, abriga exposições que remetem aos direitos da criança como cidadã. Esse núcleo do MI mostra e organiza atividades com foco na interação, na brincadeira e no bem-viver de crianças pertencentes aos mais diversos seguimentos socioculturais.

Em um *slide* foi mostrada a fotografia de crianças visitando a exposição "Boi de Mamão", que incluía peças de argila esculpidas por crianças. Ouviu-se a intervenção de um participante: "Profe, eu conheço essas crianças!". Perguntou a professora Juliana: "Quem são essas crianças?". E Valentim verbalizou: "São do 3.º ano". "Isso mesmo, eram do 2.º no ano passado", confirmou a professora. A conversa se animou, pois meninas e meninos lembraram que têm amigos no 3.º ano. Embaraçaram-se um pouco se esquecendo dos nomes de amigos, pois o semestre havia apenas iniciado quando as aulas presenciais foram interrompidas.

No próximo *slide* viu-se outra fotografia de crianças visitando a mesma exposição e a professora indagou: "Quem se lembra dos direitos da criança?" E os pequenos responderam: "Estudar", "Ter um nome", "Brincar", "Comer", "Ter uma família", "Ter um lar", "Ter avós". Outras imagens de fotografias aparecem e uma

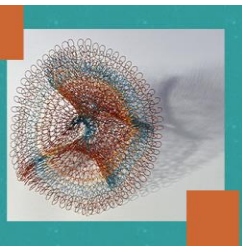


síntese dos direitos das crianças é feita em conversa entre professora, crianças e mediadoras, chegando à conclusão de que crianças, nas diversas idades e em suas múltiplas infâncias, têm direito a viver com dignidade.

As imagens nos *slides* prosseguiram evidenciando a localização do Núcleo 3/4 – "Infância na Arte", no Bloco P. A professora interrogou: "Eu quero ver se vocês sabem ler mapas. Já passamos pelo que está pintado em verde, fomos onde está colorido com vermelho, e agora?" A seta indicava a localização do Núcleo 3/4 no mapa. A mediadora Bárbara continuou: "O 'Infância na Arte' mostra um pouco do Cândido Portinari, que chamamos de Candinho. Ele foi uma criança que olhava outras crianças brincando, desenhava a partir dessa observação e presenteava outras crianças com seus desenhos".

No espaço 3/4 do MI, numa parede do térreo do Bloco P, estão expostas algumas reproduções de obras de Cândido Portinari sobre brinquedos e brincadeiras: "Crianças Brincando" (1937), "Cambalhota" (1958), "Futebol" (1958), "Pulando Carniça" (1959), "Meninos Brincando" (1955), "Meninos no Balanço" (1960) e "Meninos Brincando" (1958)[4]. As pinturas representam brincadeiras do próprio artista quando menino em sua cidade natal, Brodósqui-SP. Prosseguiu a mediadora Bárbara: "Eu li um livro a respeito dele muito interessante que tem no acervo do MI. É da coleção 'Crianças Famosas: Portinari' (1997), escrito por Nadine Trzmielina e ilustrado por Angelo Bonito". Prosseguiu a mesma mediadora: "Nesse núcleo há quadros que mostram crianças brincando, há cachorros [o *slide* foca na imagem de crianças observando uma das reproduções], há livros sobre o pintor e também têm desenhos de crianças que visitaram a exposição, observaram as pinturas e fizeram seus desenhos".

[4] Reproduções de pinturas do artista Cândido Portinari selecionadas pela equipe do MI e autorizadas pelo Projeto Portinari.



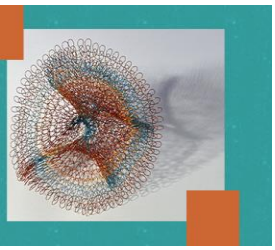
A professora Juliana perguntou à sua turma: “Quem tem o livro do Cândido Portinari nessa sala?”. Valentim respondeu: “A Maria Luísa!”. “Quem mais?”. Quase todos tinham porque leram em aula no ano anterior. Elena buscou seu livro e o mostrou na tela. A professora propôs que essa turma também desenhe e exponha seus desenhos no MI quando vier a fazer uma visita presencial ao espaço. José Vinícius mostrou o desenho com um gato, um cachorro e três passarinhos que fez enquanto a conversa acontecia.

A conversação realizada com os pequenos incitou-nos a pensar sobre o que significa mediar. Com o auxílio de definições já elaboradas, fomos conjecturando. Em Mirian Celeste Martins encontramos que mediar é estar juntos entre muitos:

> [...] cada vez mais penso a mediação como um “estar entre muitos”, superando a situação dual da mediação compreendida como ponte. “Estar entre muitos” implica perceber cada um que trazemos ao museu, seja nossos alunos, amigos ou familiares. Ouvir os desejos por melhor apreciar determinados objetos, obras ou conceitos, abrir um espaço de silêncio para que as sensações pessoais possam ser percebidas, provocar a rica troca entre os olhares e saberes de cada um pode ampliar o contato com a arte. (MARTINS, 2010, p. 119-120 apud SALGADO, 2016a, p. 70).

Nos perguntamos: se evidenciou um conhecimento sendo constituído nas conversas entre mediadoras do MI e os(as) alunos(as) da professora Juliana? É um saber significativo para todos os envolvidos? Podemos depreender, ao observar a mediação gravada, que houve crianças que se manifestaram mais e outras menos. Em algum momento notamos falas que se sobrepuseram, pois várias delas queriam falar, contar e dizer o que sabiam a respeito das atividades experienciadas no MI.

Ao refletirmos sobre as falas das crianças, construídas a partir do que elas já conheciam e intermediadas pela apresentação das imagens, é possível entender que as informações se ampliaram e, talvez, possamos deduzir que nessa interação existiu alguma aprendizagem. Houve certa incorporação mais ampliada de reconhecimento do significado dos objetos expostos, em intercâmbio com a proposta das diversas



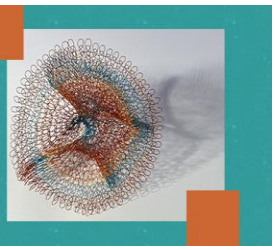
exposições observadas nos *slides*. Para as crianças, estar em diálogo durante a mediação pode ter possibilitado uma nova e significativa experiência com o acervo do MI.

O espaço individual da casa como limite de sentido que cada criança emite de si

A leitura de alguns textos realizada pela equipe do MI a respeito de ter aulas em casa e a aprendizagem obtida pelas crianças do 2.º ano do Colégio UNESC colocou-nos numa posição ainda prematura para uma afirmação mais bem fundamentada. Do espaço das casas de cada mediadora não era possível acompanhar as crianças que não se manifestaram nos espaços de estudo de suas famílias. Reconhecemos os limites que a mediação *online* confere. Refletimos com o que nos alerta Christian Dunker:

> Relações de reconhecimento envolvem tanto a maneira como somos lidos e posicionados pelo aparato escolar, de natureza institucional, quanto a forma como somos reconhecidos no interior da escola como comunidade. Reconhecer envolve tanto os meios que me ligam ao outro, a linguagem, os discursos e sua história, quanto os agentes e ainda os atos de reconhecimento que gradualmente sedimentam as regras pelas quais produzimos valor e sentido. (DUNKER, 2020, p. 4).

Ainda que durante a mediação do MI, de alguma forma, tenhamos conseguido nos transportar para a sala de aula *online*, o espaço individual em que estávamos em nossas casas não nos permitiu apreciar amplamente “o valor e o sentido” que cada criança emitiu de si para com o outro durante as atividades educativas desenvolvidas pelo MI. Dunker (2020, p. 4) continua: “A experiência de ensino *online* corrompe seriamente esta [...] dimensão da escola e sobrevaloriza a dimensão de conhecimento como uma experiência profundamente individual”. Observar o corpo de cada criança, o que vai além da voz, com todas as suas nuances expressivas, fica limitado, pois não

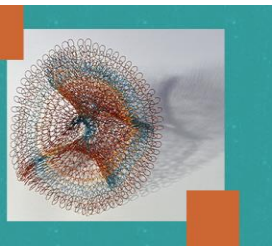


se esteve presencialmente no espaço da sala de aula, o que impede de observá-las enquanto corpos concretos, ocupando um espaço físico.

Na continuidade da observação do conjunto de *slides* via-se a localização do 4/4 no Bloco Z, o Núcleo “Escritório e Acervo”. Abriu-se com fotografias da equipe do MI e de brinquedos. Uma das mediadoras perguntou: “Ana Maria [Ana Maria Cambruzzi, colaboradora eventual e voluntária no MI] está segurando uma bonequinha. Que boneca é essa? Está com uma touca na cabeça. Quem é ela?” As crianças puseram-se a emitir opiniões. Chapeuzinho Vermelho veio à baila; com a ajuda da mediadora Camila, conheceram seu nome e a pronúncia em espanhol: *“Caperucita Roja”*. Essa boneca passou a compor o acervo do MI em 2013, vinda de Montevidéu, no Uruguai. Pela textura e cor da boneca percebeu-se que foi bastante manuseada. Suas roupas estão bastante velhas e puídas: disso depreendemos que crianças brincaram intensamente com essa *“Caperucita Roja”*. Nesse meio tempo, Danilo verbalizou para a professora que estava desenhando o que estava sendo visto e conversado.

A mediadora Bárbara continuou: “Esse é o nosso escritório, onde a gente marca a data das mediações e também onde guardamos os materiais e objetos do acervo. Nele separamos e guardamos as peças nas caixas azuis” — mostra uma fotografia das caixas no MI. Na sequência vê-se a imagem de uma fotografia de Amalhene, a gestora do MI, e de Camila, uma das mediadoras. Esta verbalizou: “Essa foto é de pouco tempo, da época de isolamento. A gente vai para o escritório com todas as medidas de segurança, de máscara, se cuidando muito, mas vamos trabalhar um pouco lá também”.

Em seguida, a professora Juliana pediu para a mediadora Camila dizer o nome em espanhol de alguns brinquedos que apareciam na tela: bambolê – *aro ula-ula*; cinco marias – *payana*; bolinhas de gude – *bolitas*; bola – *pelota*; cavalinho-de-pau – *caballito de madera*; bilboquê – *balero*; corda de pular – *soga para saltar*. Enquanto os nomes em português e em espanhol estavam sendo pronunciados, Valentim pegou



seu joguinho de “Cinco Marias” e o mostrou na tela. Pelo diálogo, percebeu-se que quase todas as crianças tinham o jogo, construído no ano anterior com a orientação da professora que estava com a turma.

Na continuidade da apresentação dos *slides* observaram-se fotografias de outros brinquedos do acervo: “Cavalinho de madeira com seu cavaleiro confeccionado em papel machê”; “Bonequinha de plástico com seu vestido rosa”; “Avó da Chapeuzinho Vermelho confeccionada em pano e óculos de aro”; e o “Trenzinho de madeira”.

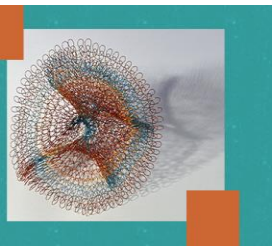
“Vamos brincar!” – é possível para todas as crianças na mediação *online*?

Em seguida, abriu-se o *slide* que dizia: “Vamos brincar!”

A orientação foi encontrar as sete diferenças na “Doutora Brinquedo”. Apareceram as gravuras de duas bonecas e em uma delas havia diferenças, que foram encontradas com a ajuda das crianças: a tiara sem o laço, o quadro sem a imagem do ônibus escolar, o dragão sem uma asa, os óculos sem uma haste, o boneco de neve sem o cachecol, a maleta sem a inscrição médica e a falta de uma trança. Enquanto as diferenças eram nomeadas pelas outras crianças, Isadora se pôs a chorar e saiu da tela.

Outra brincadeira: uma boneca de porcelana preta e vestido rosa aparece no lado esquerdo do traçado de um labirinto. As crianças foram convidadas a “entrarem” no labirinto, a fim de chegarem à chupeta que aparece ao final. Algumas crianças, rapidamente, chegaram ao final da brincadeira; outras, mais devagar, também chegaram.

Na terceira brincadeira havia imagens de cartazes de filmes de DVDs do MI, através das quais as crianças adivinharam e/ou lembraram o título das películas. O gorila com o bebê é “Monstros S/A”. Sobre a imagem do cartaz em que aparecem porquinhos, chutaram e acertaram “Os Três Porquinhos”. A respeito de um cartaz com uma imagem enigmática, titubearam e pensaram que se referia ao filme “Branca de



Neve", mas erraram. Ao final, chegaram ao título certo: "Os 101 Dálmatas". Prosseguiram enunciando: "Tarzan", "Mônica", "O Pequeno Príncipe", "O Tigrão" e "Uma Noite no Museu". Algumas ainda falaram sobre outros filmes que já assistiram e se reportaram a filmes que ainda não viram.

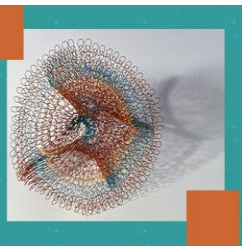
Os *slides* terminaram com a pergunta: "Qual é a sua brincadeira preferida?". E a professora pediu às crianças que lhe enviassem os desenhos que esboçaram durante a uma hora de encontro *online*.

Ao final do encontro, nos questionamos sobre situações que podem ser decorrentes de se participar da aula *online*, cada qual do espaço de sua casa: houve crianças que se projetaram verbalmente e com o próprio corpo, sentindo-se à vontade. Isso colaborou para que outras se restringissem e falassem pouco? Algumas se manifestaram pouquíssimo. É próprio da natureza delas? Ou o ambiente *online* as deixou contidas? Uma criança chorou durante a mediação. Por quê? Um colega perguntou-lhe diretamente e não recebeu resposta.

Para essas perguntas pode-se ousar buscar respostas; contudo, é prematuro encontrar um significado condizente com a realidade. Tivemos escasso contato com a turma e ainda sabemos pouco da natureza do que é ficar em casa, ter aulas remotas, aprender e interagir nessas circunstâncias. Ousamos apenas dizer que, se queremos aprender com a experiência de realizar algumas atividades *online para* e *com* crianças, é preciso levar em conta o que dizem as crianças, seus pais e os professores confinados em atividades remotas.

Breve estudo comparativo com outros museus

Ao mesmo tempo em que vivíamos a experiência de mediação *online* no MI, equipes de diversos outros museus Brasil afora também se colocavam à prova e se interrogavam sobre as melhores ferramentas, métodos e abordagens para criar práticas educativas no contexto digital. Passado o período da experiência aqui



relatada, pudemos ter acesso a uma série de artigos escritos e publicados por equipes de outras instituições.

Para construir um breve levantamento do estado da arte sobre o tema, fizemos um recorte utilizando as palavras-chave “mediação + *online* + museu + pandemia” na base de dados do Google Acadêmico e, dentre os vinte primeiros resultados, selecionamos para análise os cinco artigos que apresentavam e discutiam resultados de ações educativas realizadas durante a pandemia nos seguintes museus: Museu da Pessoa, Museu de Arte da UFC, Museu de Arte de São Paulo (MASP) e Museu Nacional.

Nesses textos, identificamos algumas similaridades com as dúvidas com que convivemos na ocasião do planejamento de nossas atividades. Assim, a fim de ampliar nossos resultados e discussões, nos dispomos a relacionar por meio da Tabela 1 algumas das escolhas feitas por nós com as ações executadas por educadores museais de outras instituições. As principais perguntas durante essa leitura foram: quais foram as atividades elaboradas? Que ferramentas foram utilizadas? Na sequência da Tabela 1, construímos uma breve análise.

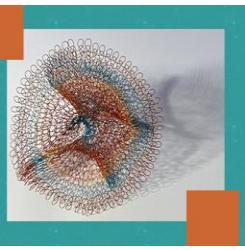
Tabela 1 – Experiências de propostas educativas em museus durante a pandemia

MUSEU	ATIVIDADE	FERRAMENTA	AUTORES
Museu da Pessoa	Diário para o Futuro	Instagram LinkedIn Facebook VideoAsk (questionário *online*)	Henriques; Lara, 2021.
Museu de Arte	Oficinas (não especificadas)	Instagram Google Meet Google Classroom	Almeida; Batista, 2023.

da UFC	Ciclo Formativo em Arte, Educação e Museologiafaceb		
Museu de Arte de São Paulo (MASP)	#maspdesenhosemcasa	Instagram	Silva, 2021. Canto; Duarte, 2021.
Museu Nacional	Natureza na Pele (murais e linhas do tempo colaborativos) Descobrindo a Terra (curso) As Abelhas e Nós (oficina) Visita *online*	Facebook Instagram Padlet (interface *online*) WhatsApp Genially Google Arts & Culture Google Meet Mentimeter	Marti; Costa, 2020. Marti; Costa, 2022.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A Tabela 1 revela que, assim como o MI, os quatro museus em análise fizeram uso do Instagram. Além disso, tanto o Museu de Arte da UFC quanto o Museu Nacional elegeram o *Google Meet* como plataforma de sala de aula virtual. No entanto, é interessante notar que o Museu da Pessoa e o Museu Nacional, por meio de seus relatos, apresentaram ferramentas cujo potencial ainda não havíamos explorado em nossas atividades, tais como *VideoAsk, Padlet, Genially, Google Arts & Culture, Mentimeter* e *WhatsApp*. Essas novas opções destacadas no levantamento abrem caminho para a descoberta de recursos adicionais que podem enriquecer e diversificar nossas interações *online*.

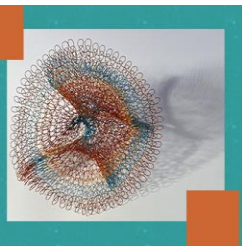


Interessante também o fato de que apenas o Museu Nacional relatou ter conduzido uma visita *online*, a qual usou como principal recurso o *Google Arts & Culture*, uma vez que a instituição possui um *tour* guiado disponível na plataforma. Destaca-se que o Museu Nacional, fundamentado nas pesquisas de Marti e Costa (2020, 2022) e na pesquisa de doutorado de Marti (2021), emerge como a instituição que mais amplamente referenciou uma variedade de recursos interativos. Entre esses recursos estão a criação de murais e linhas do tempo colaborativas (*Padlet*), apresentações interativas (*Mentimeter*) e comunicação contínua via WhatsApp.

Merecem menção também as ações de instituições em vários estados do país divulgadas por meio de *hashtags*. Uma *hashtag* é uma palavra ou frase precedida pelo símbolo # (conhecido como "*hash*" ou "*sharp*" em inglês e "forquilha" ou "sustenido" em português). Elas são usadas principalmente em redes sociais para categorizar conteúdo e facilitar a busca por tópicos específicos. Quando uma *hashtag* é criada, ela se torna clicável e conecta um *post* a outros conteúdos que usam a mesma *hashtag*, tornando-o mais visível para pessoas interessadas naquele assunto. As *hashtags* são uma forma eficaz de organizar e descobrir conteúdo em plataformas como Twitter, Instagram e Facebook.

Silva (2021) realizou levantamento de *hashtags* criadas por museus brasileiros durante a pandemia, tendo encontrado, entre outras: #MAMonline (do Museu de Arte Moderna de São Paulo), #MASCFAMÍLIASEMCASA (do Museu de Arte de Santa Catarina, em Florianópolis-SC), #monemcasa (do Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba-PR), #CCBBeducativoEmCasa e #InesquecíveisDoCCBBBH (do Centro Cultural Banco do Brasil de Belo Horizonte-MG), #jamnomam (do Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador-BA) e #MunicipiosPE (do Museu do Homem do Nordeste, em Recife-PE).

Como o levantamento feito pelo autor não apresentou detalhamento sobre as ferramentas usadas nas atividades (além das próprias redes sociais como meios de divulgação), não chegamos a incluir esses dados na Tabela 1 (exceto o caso do



#maspdesenhosemcasa, que é detalhado por Canto e Duarte (2021)). Contudo, é notável o poder de disseminação e organização proporcionado pelas *hashtags*, que se constituíram como mais uma ferramenta interessante para a interação e a visibilidade das ações promovidas pelos museus durante a pandemia, e que seguem tendo grande utilidade após o citado período.

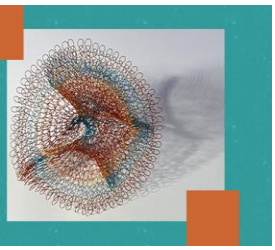
Marti e Costa (2020) e Henriques e Lara (2021) discutem a importância de os museus criarem práticas que descentralizem a emissão de informações no contexto das atividades *online*. Esse é um movimento necessário a fim de que as instituições acompanhem as transformações ocorridas na comunicação na passagem do período da cultura de massa para a cibercultura.

Na esfera da cibercultura, a distribuição da informação ocorre em rede, possibilitando a disseminação integrada e em tempo real das mensagens, ao contrário do que ocorria na cultura de massa, quando os meios de comunicação como a televisão e o rádio proporcionavam em geral um processo piramidal, com apenas um emissor e vários receptores (SANTAELLA, 2013).

Nesse sentido, uma das principais conclusões a que pudemos chegar com o levamento de estado da arte realizado é que a ampliação das ações *online* será tanto mais bem-sucedida quanto menos centralizados forem os processos de emissão de informações, possibilitando que o público registre e compartilhe suas opiniões e pontos de vista de maneira colaborativa e interativa. Ainda, consideramos que as práticas realizadas pelo MI tiveram um grau relevante de interatividade, mas que ainda pode ser aprofundado e ampliado.

Possibilidades da reinvenção do "ficar em casa" como um lugar de aprendizagem

Embora se mantenham perguntas que nos instiguem a continuar pesquisando os limites que a mediação *online* tem intrínseca a si, a experiência de conversação com os(as) alunos(as) da professora Juliana e o estudo dos relatos de outros museus



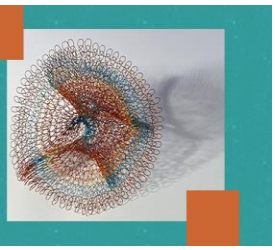
nos possibilitaram uma noção de que é possível ao MI realizar essa atividade experimental de dialogar *online*.

Debruçando-nos na leitura do texto *A casa como laboratório do aprender*, de Gustavo Torrezan (2020), inferimos que, do espaço de suas casas, cada criança também esteve na continuidade da construção de um laboratório de experimentação. Como é recorrente para a criança experimentar e envolver-se com coisas diversas, dando-lhe um sentido novo para a sua criação, imaginamos que cada uma delas, com sua particularidade, atravessadas pelo que viram e ouviram sobre o MI, podem ter aprendido novas maneiras de se posicionar.

Talvez tenham obtido um novo saber, uma aprendizagem que se acrescente àquilo que antes conheciam: “Pensar a aprendizagem é pensar o modo como inventamos, coletamos e colecionamos, compondo e articulando referências que nos fazem elaborar de modo diferente”, nos diz Torrezan (2020, p. 2). As crianças ampliaram seus repertórios, conhecendo novos objetos culturais, mas também relembrando e comentando o que já conheciam. Torrezan (2020, p. 2) continua: “Pensar aprendizagem é, nessa oportunidade, pensar o modo como nos colocamos no mundo, e como nos implicamos nele [...]”.

Ainda que as ações do MI estejam sendo realizadas por meio das tecnologias digitais em rede, sem termos um conhecimento acabado do que isso significa e implica na aprendizagem das crianças, nossa tendência é acreditar na potencialidade de cada uma delas como ser humano em processo de formação. Na experiência que vivenciamos juntos, ainda que em um espaço curto de tempo, interagimos, pensamos e refletimos no coletivo diante de imagens e memórias, com as quais tivemos a possibilidade de desenvolver habilidades de expressão diante do que está musealizado. Pensamos estar alinhadas à ideia de que:

> Construir práticas críticas e inovadoras nesses espaços é [...] uma maneira de proporcionarmos às crianças o cultivo de sua própria criatividade e apresentar a elas meios de desenvolver sua expressão individual, questão



> fundamental em uma sociedade em que os modelos prontos se repetem à exaustão. (SALGADO, 2016b, p. 89).

Como pessoas capazes de agir no mundo com as próprias indagações, é importante criar individual e/ou coletivamente práticas de interação reinventadas, por vezes dolorosas, mas também aprazíveis para a aprendizagem entre pessoas. Para isso, o intercâmbio com objetos e peças musealizadas se mostra relevante, não somente por meio da visita presencial nos museus, mas também pela observação *online* de imagens, que geram momentos interessantes de conversação.

Referências:

ALMEIDA, M. G. C. da S.; BATISTA, A. P. Museu de Arte da UFC na pandemia de COVID-19: o uso do Instagram como ferramenta para a mediação da informação. *AtoZ:* novas práticas em informação e conhecimento, 12, 1-11, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/370352106_UFC_Art_Museum_in_the_COVID-19_pandemic_the_use_of_Instagram_as_a_tool_for_mediating_information Acesso em: 15 maio 2024.

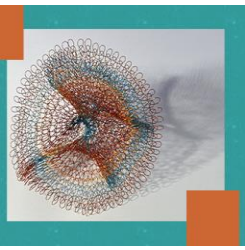
BARROS, A. L. S. P. Museus de Ciências e Docência: educação museal e relações no contexto da pandemia. 2022. 361 f. *Dissertação (*Mestrado em Divulgação Científica). Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2022.

BORGES, S. Nosso apocalipse zumbi. *Serrote:* em quarentena, São Paulo, jul. 2020. Edição Especial, p. 89-99.

CANTO, A. T. P.; DUARTE, A. H. da S. D. *Arte Educação Online?* Estratégias educativas do MASP na pandemia. Apotheke, v. 7, n. 3, p. 168-177, dez. 2021.

DUNKER, C. Quais são os impactos psíquicos das aulas online nos alunos e professores. *Blog do Dunker*, 24 jul. 2020.

GONÇALVES, S. F. P. O uso do Google Meet enquanto ferramenta tecnológica comunicacional de mediação da aprendizagem nas aulas remotas em tempos de pandemia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO, 17., 2021, Recife. *Anais...* Recife: FECOMÉRCIO/SESC/SENAC, 2021. p. 1-34.



HENRIQUES, R.; LARA, L. F. de. Os Museus Virtuais e a Pandemia do Covid19: a experiência do Museu da Pessoa. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 10, n. Especial, dez. de 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/35924/31905 Acesso em: 15 maio 2024.

MARCONDES, R. M. S. T.; FERRETE, A. A. S. S.; LIMA, I. P. Ressignificando o processo de ensino e aprendizagem em tempo de distanciamento social: potencialidades do Google Classroom e do Google Meet. *Humanidades & Inovação,* Palmas, v. 8, n. 62, p. 56-72, mar., 2021. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/4001 Acesso em: 20 maio 2024.

MARTI, F. M. *A Educação Museal Online:* uma ciberpesquisa-formação na/com a Seção de Assistência ao Ensino (SAE) do Museu Nacional/UFRJ. 2021. 301 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rio de Janeiro, 2021.

MARTI, F.; COSTA, A. Educação Museal Online na Pandemia: práticas, teoria e desafios*. Mouseion,* Canoas, n. 42, dez. 2022, p. 1-20. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/view/10453 Disponível em: 15 maio 2024.

MARTI, F.; COSTA, A. Revisitando os Museus na Pandemia: sobre educação museal online e cibercultura. *Revista Docência e Cibercultura*, maio de 2020, online. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1107 . Acesso em: 15 maio 2024.

PEIXOTO, J. COVID-19 e relação trabalho-saúde dos professores (3*). Passa Palavra,* 9 out. 2020a. Disponível em: https://passapalavra.info/2020/10/134556/. Acesso em: 4 fev. 2021.

PEIXOTO, J. COVID-19 e relação trabalho-saúde dos professores (2). *Passa Palavra,* 2 out. 2020b. Disponível em: https://passapalavra.info/2020/10/134474/. Acesso em: 4 out. 2020.

SALGADO, A. A. A. de O. *Educadores, formação e processos de mediação*: crianças pequenas e arte contemporânea no museu. 2016a. 103 f. TCC (Licenciatura em Artes Visuais). Faculdade de Artes do Paraná – UNESPAR, Curitiba, 2016a.

SALGADO, A. A. A. de O. Formação de educadores de museu: processos de mediação para crianças pequenas no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP*). Revista Científica de Artes*, n. 1, v. 14, p. 72-90, jan./jun. 2016b.

SANTAELLA, L. *Comunicação Ubíqua:* repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVA, A. F. Pandemia, museu e virtualidade: a experiência museológica no "novo normal" e a ressignificação museal no ambiente virtual. *Anais do Museu Paulista*: História e Cultura Material, 29, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/anaismp/a/rBXwZLHBk9TxRfXd9FyDjzS/ Acesso em: 15 maio 2024.

SOUZA, M. S.; TAMANINI, P. A.; SANTOS, J. M. C. T. Cultura digital: tecnologias, escola e novas práticas educativas. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 22, p. 1-19, 2020.

TEIXEIRA, D. A. de O. .; NASCIMENTO, F. L. Ensino Remoto: o uso do Google Meet na pandemia da Covid-19. *Boletim de Conjuntura (BOCA),* Boa Vista, v. 7, n. 19, p. 44–61, 2021. Disponível em: https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/374. Acesso em: 18 maio. 2024.

TORREZAN, G. A casa como laboratório do aprender. *Glac Edições,* São Paulo, 5 ago. 2020.

TRZMIELINA, N. *Crianças famosas:* Portinari. São Paulo: Callis, 1997. 24 p.

Amalhene Baesso Reddig

Licenciada em Pedagogia e em Artes Visuais - Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (2007). Professora, Pesquisadora, Extensionista e Gestora Universitária com experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Permanente, atuando principalmente nos temas: educação, cultura, arte, museus e patrimônio cultural. Coordenadora do Setor Arte e Cultura, do Museu da Infância e do Programa de Extensão: Arte e patrimônio cultural da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em História e Memória da Educação (GRUPEHME); Pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Arte (GPA); Produtora, Gestora e Co-Criadora Cultural com experiência em projetos nas Leis de Incentivo à Cultura (Municipal, Estadual e Federal);Voluntária em projetos sociais na cidade de Criciúma/SC. Cidadã Italiana.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7428-8807
E-mail: abr@unesc.net

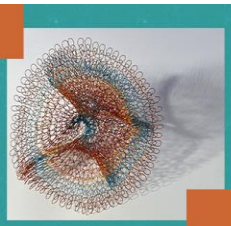
Ana Maria Cambruzzi
Doutora em Educação (UFMG), Mestre em Educação (PUC-Rio) e graduada em Pedagogia (Unochapecó). Professora aposentada pela UFSJ. Participante do Grupo de Pesquisa em Arte (GPA) e colaboradora eventual voluntária no Museu da Infância – UNESC.
Lattes: http://lattes.cnpq.br/9687874144717898
E-mail: abr@unesc.net

Camila Villasuso
Acadêmica do Curso de Design de Produto (UNESC) e da Licenciatura em Diseño Industrial (UNDAV). Intercambista argentina pelo programa de dupla titulação UNDAV – UNESC. Estagiária e mediadora do Museu da Infância – UNESC.
ORCID: https://ordid.0009-0007-6029-0854
E-mail: abr@unesc.net

Bárbara Sonai Mendes
Acadêmica do Curso de Artes Visuais – Bacharelado (UNESC). Estagiária e mediadora do Museu da Infância – UNESC.
ORCID: https://orcid.000-0002-0995-1799
E-mail: abr@unesc.net

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 24
NÚMERO 61
SETEMBRO A NOVEMBRO DE 2024
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO
REVISTA 61
AÇÃO E FORMAÇÃO: CAMINHOS PARA O EDUCAR E O FAZER EM ARTE



Recebido em 1º de fevereiro de 2024
Aceito em 8 de junho de 2024
Editor responsável: Júlia Maria Hummes (FUNDARTE)
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/